

Galeria Fortes Vilaça

Rua Fradique Coutinho 1500 | 05416-001 São Paulo Brasil

T +55 11 3032 7066 | F +55 11 3097 0384

www.fortesvilaca.com.br | galeria@fortesvilaca.com.br

Artigo

Evento: Exposição Adriana Varejão

Media: Jornal
Autor: Nani Rubin
Data: 03 de Abril de 2014
Seção: Segundo Caderno
Página: Capa e 1
Veículo: O Globo

COD. ADV.0004.2014



SEGUNDO CADERNO

Adriana Varejão

TENTÁCULOS E CORES DE UMA ARTISTA

Na mostra "Polvo", ela reúne tons que representam as nuances do povo brasileiro.

DMULGAÇÃO/VICENTE DE MELLO

Adriana Varejão retoma questões como racismo e miscigenação na mostra 'Polvo', que será aberta no sábado, em SP, e lança livro sobre sua obra com Lilia Moritz Schwarcz

TROCA DE PELE



NANI RUBIN

Enviada especial a São Paulo
nani@oglobo.com.br

Como um polvo que vai estendendo seus tentáculos, abrangendo novas regiões à sua volta, Adriana Varejão inicia neste mês de abril o seu ano de 2014, apontando em diversas direções. A artista carioca que sempre percorreu, em sua obra, temas como colonização, antropofagia e canibalismo abre neste sábado, no galpão da Galeria Fortes Vilaça, em São Paulo, a mostra "Polvo", em que volta com novas cores (literalmente) ao tema da miscigenação, já abordado por ela em trabalhos anteriores. Também nesta semana, chega às livrarias "Pérola imperfeita: A história e as histórias de Adriana Varejão" (Cobogó/Companhia das Letras), uma viagem minuciosa pela obra da artista escrita em parceria com a historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz — que, nos encontros que deram origem ao livro, acabou lhe dando o mote do projeto "Polvo".

136 CORES DOS BRASILEIROS

Foi por meio de Lilia que Adriana tomou conhecimento de um censo do IBGE, a Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio (Pnad) de 1976, em que, pela primeira vez, era feita uma pergunta aberta aos brasileiros em relação à sua raça: "Qual a sua cor de pele?". As respostas, 136, traziam nomes como sapecada, encerado, branquinha, morena-bem-chegada, morena-jambo, queimada de praia, cor-de-ouro, puxa-para-branco — respostas que evocam uma "política de silenciamento", como notam as duas, mas que vêm carregadas de poesia e volúpia.

— Há mais de dez anos vinha colecionando cosméticos com cores de pele do mundo todo, e elas variavam sempre em torno de uma cor clara, rosa, quase um chicle. Quando soube dessa lista, resolvi retornar essa questão, que já havia abordado em "Ex-votos e peles" (de 1993) e "Testemunhas oculares x, y e z" (de 1997, em que se retratou como moura, índia e chinesa). A cor de pele na tinta a óleo é um rosa nojento, bem artificial. Até que, há mais de dez anos, o (curador) Paulo Herkenhoff me trouxe da Itália uma tinta chamada "Testa di moro". Essa ideia foi amadurecendo. E pensei: vou conseguir utilizar isso numa obra.

Adriana escolheu 33 nomes da lista da Pnad, criou as cores com a ajuda das Tintas Água, tradicional fabricante de tintas a óleo do Rio, e, a partir daí, produziu um múltiplo, uma caixa de madeira com 33 bisnagas, em tiragem de 200 uni-



Retratos. Telas na mostra "Polvo", na Fortes Vilaça; a artista produziu cores como "sapecada", "encerado" e "escurinha" e pintou máscaras indígenas com elas

dades. Foi com essas tintas que ela pintou máscaras indígenas, cada uma com uma cor, sobre 33 retratos seus. Estes foram encomendados a retratistas chineses, especializados nesse tipo de trabalho, já que a artista procurava "um anonimato, ausência de autoria".

— É um trabalho conceitual, com uma frieza quase fotográfica — diz.

Completando a série, há 12 telas com a palheta de cores utilizada por Adriana, que se diz transformada pelo trabalho: — Agora sou completamente

a favor do sistema de cotas. A cordialidade brasileira é uma mentira, somos todos racistas.

— Também sou totalmente a favor do sistema de cotas — diz Lilia, afinando um discurso iniciado com o livro.

Hoje amigas, as duas inicialmente se esbarraram de forma prosaica, num voo Rio-São Paulo. Adriana, que já era admiradora de Lilia ("Tinha lido 'O espetáculo da raça', e acho que me inspirou a fazer este trabalho", diz), apresentou-se e foi direto ao ponto: "Quero que você escreva sobre as minhas

pinturas". Lilia se entusiasmou, e entre o Rio, onde mora a artista, e São Paulo, cidade da historiadora, a ponte aérea se estenderia por cinco anos; as conversas por Skype, por até quatro horas.

O resultado, um volume de 360 páginas repleto de referências usadas pela artista em sua obra — como Debret e a azulejaria portuguesa —, reflete o longo processo, no qual a artista, como ela diz, se impôs a tarefa de "bagunçar um pouco a cabeça dessa mulher".

— Não ia ser tão fácil em linha

reta; teria que ser barroco — conta Adriana, cuja feitura do livro se deu em meio a outros projetos que virão em 2014, como uma inédita videoinstalação, que será exibida em agosto no Oi Futuro Flamengo, e uma panorâmica de sua carreira, em novembro, no Institute of Contemporary Art, em Boston.

Como historiadora, Lilia sabe que "aquele que escreve tem a voz final"; nesse caso, como diz, Adriana esteve lá "até o fim", tornando a escrita uma junção do discurso das interlocutoras. — Ela me forçou a abandonar

O ano da artista

EXPOSIÇÃO: A mostra "Polvo" será aberta no sábado no galpão da Galeria Fortes Vilaça, em São Paulo, onde fica em cartaz até 17 de maio. São 33 retratos da artista, sobre os quais ela pintou máscaras indígenas, e 12 telas circulares com a palheta de cores que criou a partir de uma pesquisa sobre a cor de pele dos brasileiros. Essa palheta originou um múltiplo, também na exposição: as Tintas Polvo, caixa de madeira com 33 bisnagas de diferentes tons. No dia 24 de abril, ela abre outra mostra "Polvo", na Lehmann Maupin Gallery, em Nova York, com 12 retratos.

LIVRO: Escrito a quatro mãos pela artista com a historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz, "Pérola imperfeita: A história e as histórias na obra de Adriana Varejão" (Editora Cobogó/Companhia das Letras) será lançado no Rio no dia 10 de abril, às 19h, com uma conversa entre as autoras na Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

PROGRAMA DE TV: A artista é tema do quinto episódio da série "Arte brasileira", dirigida por Alberto Renault. O programa, que vai ao ar no GNT no dia 20, às 23h, acompanha a montagem da exposição "Polvo" em Londres, no ano passado, e mostra o pavilhão de Adriana em Inhotim.

INSTALAÇÃO: A primeira videoinstalação da artista será exibida a partir de 12 de agosto no Oi Futuro Flamengo. "É um documentário poético das minhas referências do barroco", diz ela, que filmou no Rio, na Bahia e em Minas. A produção é de Lila Buarque de Holanda, e a curadoria, de Adriano Pedrosa e Alberto Saravia.

PANORÂMICA: Pela primeira vez, a artista ganhará uma panorâmica numa grande instituição pública americana. A mostra, ainda sem nome, será aberta no dia 18 de novembro no Institute of Contemporary Art, em Boston.

o jargão da academia, a explicitar os conceitos da obra — reconhece Lilia, deixando aberto o caminho para novos tentáculos. — Uma obra não vem com uma mensagem explícita. Ela abre uma conversa. ■

Nani Rubin viajou a convite da Editora Cobogó

NA WEB
vídeo
oglobo.com.br/cultura
Adriana Varejão e Lilia Moritz Schwarcz falam sobre a exposição e o livro